

EXPRESSÃO

Ano 3 Número 32 Outubro.2012

Uma publicação
do Sindicato dos
Servidores Públicos
do Ensino Superior
de Blumenau

UNIVERSITÁRIA

www.sinsepes.org.br

À espera da Furb Federal

Um ano depois da presidente Dilma Roussef anunciar a instalação de um campus federal, falta consenso sobre o modelo da parceria



»» Editorial

Esse não é bem um editorial, só em parte, mas também remete a um link de um guia de parcerias, pois falar agora sobre parceria FURB-UFSC não acrescenta nada pois esta ainda não tomou forma para ser considerada como tal. Lembrando algumas definições do que etimologicamente se “entende” por parceria:

....um tipo especial de relação de cooperação em que as partes envolvidas, apoiadas na confiança, na transparência de intenções e atos, compartilham princípios e valores e coordenam suas ações de modo a alcançar objetivos definidos em comum acordo.

... A participação equilibrada dos parceiros em todo o processo, desde o estabelecimento das regras que o preside até o desenho do plano e execução das atividades, é condição indispensável ...

....A parceria não é apenas uma forma inteligente de melhor aproveitamento dos recursos e ampliação dos impactos das ações. É, antes de tudo, uma condição para construirmos uma sociedade sustentável apoiada em relações justas e democráticas.

Em relação à condução do pro-

cesso dá para notar alguma semelhança? Os parceiros pouco se comunicam, mais pela imprensa do que pessoalmente, comissões que não se conhecem, objetivos e intenções pouco claros, clima de disputa e não de conjugação. Mediação que se auto dispensou, etc. Esperemos os próximos passos para ver se as coisas se “aclaram” um pouco mais nas próximas semanas.

Dispensando esse tema vamos falar de outras parcerias em relação à educação tão propalada no clima eleitoral ainda em andamento e que pouco avança apesar dos gastos crescentes em educação. Desde

O gargalo é sempre o mesmo: baixa produtividade em função da baixa escolaridade de nossa população, o que só pode ser revertido por um plano mais ousado e determinado para reverter esse quadro

que o direito a educação foi estabelecido no art. 6º da Carta Magna (CF/88) - direitos sociais previstos (educação, saúde, trabalho, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância e assistência aos desamparados), o cidadão brasileiro parece ter delegado inteiramente ao Estado e apenas a este, sua inteira responsabilidade, distanciando-se cada vez mais daquilo que em suas origens é verdadeiramente o patrimônio público formador do capital intelectual de uma comunidade: a Escola - não importa se seja estatal ou privada. Esse distanciamento de uma co-responsabilidade civil se agravou a medida que os vários agentes da sociedade não sabiam mais o que

estava acontecendo dentro dela. Parece que o país começa a despertar mais para o tema onde vemos campanhas, a exemplo do grupo RBS, em prol da educação de qualidade bem como a diversos segmentos da sociedade chegando a triste conclusão de que o Brasil não consegue sustentar um ritmo de crescimento com desenvolvimento constante, alterando anos com desempenho bom e outros em que tem que “respirar” para o próximo voo, o que a imprensa denominou de crescimento “voo de galinha”.

No diagnóstico o gargalo é sempre o mesmo: baixa produtividade em função da baixa escolaridade de nossa população, o que só pode ser revertido por um plano mais ousado e determinado para reverter esse quadro. Perguntamos se a vontade do governo aparenta corrigir isso o que nós cidadãos podemos fazer em nossa cidade? Achamos que cada parcela da comunidade tem sim essa co-responsabilidade, basta apenas nos acostumarmos acordando todas as manhãs e se perguntando: “o que essa semana posso fazer em benefício de minha comunidade?”.

Como o hábito faz o monge, isso parece ser difícil no começo, mas uma pequena ação voluntária pode ser planejada a cada semana e isso passa aos poucos para uma rotina, assim como o é para muitos ir ao encontro de amigos, frequentar uma igreja ou clube. Transcrevo para estimular alguns leitores que querem mudar alguma coisa nesse cenário com sua contribuição o Manual “Parcerias na Educação – Um guia para multiplicar essa ideia” – inclui parcerias passo a passo, envolvimento dos parceiros potenciais, plano de parceria e avaliação. Sugerimos sua leitura em especial aos que tem a árdua tarefa de administrar uma escola e aos membros das APPs – veja http://www.ieq.org/pdf/livreto_parcerias.pdf

Foto: stock.xchnng



Ajude a fazer o Expressão!

Participe deste espaço com textos, opiniões, fotografias, charges, etc... Entre em contato pelo e-mail ou telefones abaixo!

DIRETORIA SINSEPEs | 2011/2014

Presidente: Ralf Marcos Ehmke (CCSA); **Vice-presidente:** Luiz Donizete Mafra (DAC), **Secretária geral:** Laurete Maria Ebel Coletti (CCS), **1ª Secretária:** Marian Natalie Meisen (Instituto FURB), **Tesoureiro:** Valcir de Amorim (DAF), **1º Tesoureiro:** Leandro Junkes (Biotério Central), **Diretor de Imprensa e Comunicação:** Carlos Alberto Silva da Silva (CCHC), **Diretora de Assuntos Jurídicos:** Ivone Fernandes Morcilo Lixa (CCJ), **Diretora de Formação e Relação Sindical:** Nevoní Goretta Damo (CCS), **Diretor de Cultura, Esporte e Lazer:** André Luís Almeida Bastos (CCT)

CONSELHO FISCAL

Efetivos: Edeimar Valério Mafra (NRTV), Luiz Heinzen (CCEN), Nazareno Loffi Schmoeller (CCSA)
Suplentes: Selésio Rodrigues (DAC), Jorge Gustavo Barbosa de Oliveira (CCHC)

Jornalista responsável: Magali Moser (02353 JP-DRT/SC).

Diagramação e edição: Magali Moser

Projeto Gráfico: Leo Laps

Tiragem: 3.000 cópias.

Gráfica: Grupo Paulo Pimentel (Curitiba).

As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores.



Contato

Expressão Universitária é uma publicação do SINSEPEs (Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau)

Endereço: Campus I da FURB - Rua Antônio da Veiga, 140 - Victor Konder - Blumenau - SC - CEP 89012-900

Telefone: 47 3321-0400 | 47 3340-1477

E-mail: sinsepes@sinsepes.org.br

Página: www.sinsepes.org.br

A democracia representativa **burguesa**

Reflexões acerca das eleições municipais, sob a ótica da Sociologia e da Filosofia

POR NELSON A. GARCIA SANTOS, Prof. Departamento de Ciências Sociais e Filosofia / CCHC / FURB

<nelgarcia@furb.br>

Vários são os aspectos que poderiam ser abordados ao refletirmos sobre as eleições deste ano em Santa Catarina e em Blumenau, especificamente. Poder-se-ia, quem sabe, tecer considerações sobre o caráter conservador do eleitorado que elegeu, para o governo estadual e municipal, duas lideranças oriundas dos posicionamentos político e partidário que representam o conservadorismo, o antigo coronelismo e o atraso político próprios do Partido Democratas. O caráter conservador do eleitorado catarinense e blumenauense fica evidenciado na maioria dos votos dados ao então candidato José Serra na última eleição para presidente da república. Mas esta é uma discussão longa e que poderia irritar muita gente. Por isso, vou me deter em alguns aspectos qualitativos e quantitativos da nossa aldeia (como diz o amigo e professor Ivo Theis) obtidos no Tribunal Superior Eleitoral, para demonstrar que a democracia vivida ainda está longe de ser ampla, participativa e de alta intensidade e que, na realidade, vive-se uma democracia representativa classista, machista, de baixa participação e representação e, portanto, de baixíssima intensidade.

Em Santa Catarina, nestas eleições municipais de 2012, 16.743 seres humanos, estão aptos a concorrer ao cargo de vereador/a, sendo 67,47% homens e 32,53% mulheres. Para o cargo de prefeito 618 candidatos estão aptos para a disputa e para o de vice-prefeito 596 candidatos se encontram em condições para participar do pleito. Entre os que concorrem ao cargo de prefeito 90,88% são homens e 9,12% mulheres. Já ao cargo de vice-prefeito 87,51% são do gênero masculino e 12,49% feminino. Além da pouca participação das mulheres na democracia representativa burguesa, outra característica do processo eleitoral é o baixo número de participantes como candidatos aos respectivos cargos. A população estadual total está estimada em 6.138.320 habitantes. Desta, 77,20% podem votar e serem votados, porém, apenas 0,35% está participando como candidato/a a vereança. Para o cargo de prefeito, o percentual é 0,013% da população eleitora de Santa Catarina.

Em Blumenau, cerca de 230.064 pessoas podem participar do processo eleitoral. Entretanto, menos de 0,1% está participando como candidato/a ao cargo de vereador/a. A quantidade de

cadeiras na Câmara Legislativa é 15 e isso significa que apenas 0,0065% dos cidadãos/ãs da nossa aldeia serão os efetivos representantes e estarão decidindo sobre o nosso presente e futuro no âmbito da vereança. Assim, nesta relação entre os 212 candidatos a uma das 15 cadeiras na Câmara, temos uma disputa de 13,53 candidatos por vaga, mas que só é aparentemente alta, devido ao baixíssimo número

Assim, segue-se nos caminhos da democracia representativa burguesa em nossa aldeia, na qual o conservadorismo, o machismo e o domínio de classe perpetuam a democracia

da representação no poder legislativo.

Baixo número de representantes e de representação são características da democracia de baixa intensidade. Nesta disputa, 69,12% são homens e 30,88% são mulheres. Para os cargos de prefeito e vice-prefeito de Blumenau, oito pessoas se candidataram, sendo que apenas uma é mulher, corroborando, assim o baixo índice de mulheres no processo democrático atual.

A baixa representatividade e a baixa representação nos cargos eletivos ficam manifestas, também, ao observarmos a disputa por vagas que se torna aparentemente alta devido ao baixo número de cadeiras na Câmara de vereadores, nos outros dois maiores colégios eleitorais de Santa Catarina e também em alguns municípios da nossa região do médio Vale do Itajaí. Em Florianópolis, a disputa é de 16 candidatos por vaga e em Joinville é de 18,5. Já na região do médio Vale do Itajaí, o município que tem mais candidatos por vaga, depois de Blumenau, é Itajaí com 12,7 candidatos. Subindo o rio, tem-se Ilhota com 4,6 candidatos por vaga, Gaspar com 9,5, Indaial com 8,5 e Pomerode com 8,0 candidatos por vaga. Esse fato caracteriza uma grande contradição da democracia representativa, já que esta se fundamenta na participação e na representação, ou seja, quanto mais representantes se tem e quanto maior o número de pessoas que buscam ser representantes, maior a intensidade da

democracia.

Outro aspecto que corrobora o caráter de uma democracia de baixa intensidade no processo eleitoral, diz respeito ao tempo de mídia que os candidatos têm. A disparidade é enorme, onde uns tem tempo demais e outros quase não têm tempo algum. Além disso, o domínio econômico da classe dominante prevalece no processo eleitoral e deixa evidente o caráter de classe no nosso modelo burguês de democracia representativa de baixa intensidade.

Quanto aos conteúdos dos programas eleitorais, vemos situações que politicamente são incorretas na medida em que as propostas dos candidatos ficam em segundo plano; a identificação partidária e suas respectivas coligações não são apresentadas e muito menos justificadas, não permitindo, assim, que os eleitores façam relações entre os partidos e seus candidatos. Nos programas, não se relaciona seres humanos com partidos políticos e, ao não mencionar os partidos, não se conhece as propostas dos partidos. Assim, a base partidária da democracia representativa fica enfraquecida, pois, não se discute a quem e quais os interesses que o partido representa.

Entretanto, em se tratando de marketing e publicidade, os programas são fascinantes. Com imagens áreas dos principais pontos da cidade, com entrevistas externas e com efeitos gráficos especiais – recursos nada baratos –, as campanhas mais ricas transformam os reais problemas da cidade em sonhos que serão realizados com a vitória do/a candidato/a,

cujo conteúdo não vai além de velhos clichês da política local e nacional. Pelo programa da coligação cujo slogan é “Blumenau quer seguir em frente”, a tradição, a família e a propriedade – símbolos do conservadorismo brasileiro – são agora apresentados como elementos do progressismo expressos nas mensagens. Por sua vez o velho populismo da política brasileira é modernizado pelo slogan “quem ama cuida”, no qual, além de mexer com a afetividade e emoção dos eleitores, transforma a candidata em mãe de todos/as e não em prefeita da cidade. Já a lógica do mais capitalista se torna sustentável nas mensagens exibidas pelos programas da coligação “Blumenau quer mais”. Todos estes programas abordam muito mais o sonho do que a realidade de fato. Finalmente, a campanha cujo slogan é “Blumenau para os trabalhadores”, não consegue, pelo pouco tempo, falta de recursos e de criatividade, mostrar a realidade concreta da situação dos trabalhadores de Blumenau e nem efetivas propostas do campo da esquerda para o município.

Assim, segue-se nos caminhos da democracia representativa burguesa em nossa aldeia, na qual o conservadorismo, o machismo e o domínio de classe perpetuam a democracia de baixíssima intensidade. Cabe então, a cada um/a refletir sobre a continuidade ou não deste modelo de democracia representativa, aceitando-a ou negando-a e, a partir de então, efetivar ações que concretizem sua opção.



Um outro olhar sobre a Oktoberfest

Histórico da festa "tradicional" denuncia as investidas para construção da imagem da Blumenau germânica e invenção do rótulo "Alemanha Brasileira"

POR **MARIA BERNARDETE RAMOS FLORES**, Professora titular em História Cultural no Departamento de História (UFSC/SC) e Pesquisadora do CNPq

< mbernamos@gmail.com >

A INVENÇÃO DA TRADIÇÃO

Na Oktoberfest e outras festas teuto-brasileiras em Santa Catarina o caráter de tradição inventada salta aos olhos do observador arguto. A promessa de uma festa saída diretamente do passado da colonização, que faça reviver as tradições alemãs, que exalte os pioneiros e resgate os costumes dos antepassados, reeditando os festivais de caça e tiro, está colocada em cada propaganda, em cada cartaz, em cada artigo de jornal. Entretanto a construção destas festas "tradicionalistas" se fez juntando-se elementos já presentes em algumas cidades e outros inventados na hora, às vezes até na base do improvisado.

Rolf Kastner, Secretário de turismo de Brusque à época da invenção da FENARRECO "...conta como se deu a criação do "traje típico". Diz que antes da Fenarreco havia vergonha, principalmente entre os jovens, em declarar sua origem germânica, por conta da memória do período das Guerras Mundiais, época em que os avós haviam sofrido ataques e agressões por parte dos "brasileiros", por questões políticas e de identidades étnicas. Talvez os jovens achassem "brega" o uso do traje típico. "No primeiro ano da festa - conta Rolf - as pessoas estavam meio receosas para usar um chapéu, usar um tirante, usar o caneco. Isso tudo era receoso. Mas nós (os organizadores da festa) começamos a usar, eu e outras pessoas e, pouco a pouco, começou a haver trajes típicos improvisados na festa. E nem era traje típico. Mas como não havia modelo, qualquer traje que parecesse diferente ou estranho era considerado típico." Como se divulgou um modelo? Trazendo bandas musicais alemãs com seus trajes típicos alemães. Embora os trajes "originais" usados pelos músicos, fossem caros (a calça do homem é feita de couro marrom) isto foi facilmente imitado, substituindo o couro por tecido preto."

FESTA E TURISMO

Na montagem da Oktoberfest, há um trabalho de bricolage, a criação de algo novo a partir de elementos pré-existent. Ou seja, um trabalho de enquadramento de elementos novos e velhos para compor um cenário, onde se destacam as tradições. Aliás, a festa inteira, apesar de realizada com a tecnologia moderna do lazer, é apresentada e vivenciada como tradição. Trajes típicos, músicas, danças, culinárias, decorações, cerveja, etc, sempre como referência ao passado, são como que figurinhas coladas sobre a cidade, movimentando-se na mecânica do desenho animado. A Oktoberfest parece um "patchwork", feito com o aproveitamento de retalhos culturais e isso fica ainda mais patente se considerarmos a variedade de cores numa composição estética para ser mostrada ao espectador. O bom gosto dos arranjos, da distribuição, a de-

licadeza dos bordados, demonstra a preocupação que ultrapassa o simples valor utilitário.

Após os anos 60 e 70, quando o Brasil passou por um processo de urbanização e industrialização acelerado, na década de 1980, a nível nacional, há uma quase estagnação da economia, com elevadas taxas de inflação e de estímulos à realização

Na Oktoberfest o caráter de tradição inventada salta aos olhos do observador arguto. A promessa de uma festa saída diretamente do passado da colonização está colocada em cada propaganda

de investimentos produtivos. Mas, em Santa Catarina, paradoxalmente, alguns grupos empresariais se fortalecem e adquirem significativa representatividade a nível nacional. Sob outro aspecto, os polos industriais habitados por populações de origem alemã apresentam um incremento (35% acima da média estadual), notadamente no complexo têxtil e de vestuário. Ainda, ocorrem certas especializações das indústrias locais, com setores expressivos e dinâmicos, tirando Santa Catarina de seu clássico papel de economia periférica.

Blumenau, famosa por sua produção de têxteis, cristais e instrumentos musicais, já vinha se caracterizando como cidade turística, recebendo visitantes interessados em seus produtos. Na década de 1970, durante o governo do Prefeito Renato Viana, o turismo recebeu grande incentivo com a campanha da construção civil em estilo enxaimel. Estilo de "maquiagem", pois a arquitetura não guardava nenhuma proximidade com a técnica tradicional presente ainda em algumas casas remanescentes da antiga colônia, mas eram apenas imitações externas. Esta iniciativa esmerava-se por construir uma fisionomia de cidade alemã, européia, e assim atraía muitos turistas.

Com as grandes cheias de 1983 e 1984, o movimento turístico é ameaçado, bem como o comércio e a indústria, já um tanto ressentidos pela conjuntura da economia nacional como um todo. Com as cheias, muitas empresas ameaçam deixar a região e há um esmorecimento nas atividades econômicas como um todo. A partir da necessidade, portanto, de incrementar e reativar as atividades, o turismo passa a ser um dos carros-chefe, não só no

caso específico de Blumenau, mas também do conjunto do Estado, com uso dos recursos naturais, históricos e culturais, com a intenção de oferecer "oportunidades de lazer a todas as camadas da população, especialmente as de menor renda". A intenção era atingir a baixa temporada, contribuindo para diminuir a ociosidade dos equipamentos turísticos, introduzindo-se, o que posteriormente veio a ser denominado, "Turismo Quatro Estações".

A meta era consolidar o turismo no Estado de Santa Catarina como atividade perene, criando um empresariado profissional e mão de obra permanente. Além dos recursos naturais aproveitados com a instalação de hotéis fazenda, campings, etc., um dos artifícios mais frequentes utilizados para a atração de turistas são as festas municipais. Estas têm por característica a criação de um cenário onde expõem o povo do lugar, a cultura, os produtos industriais ou agrícolas específicos da região. Das festas municipais catarinenses, a Oktoberfest é a que mais tem atraído o turismo de fora do Estado.

Nesta atividade econômica, de grande importância, em que se transformou a festa, muitas pessoas estão envolvidas. Desde o planejamento e a organização, até o trabalho para produzir os artefatos para a festa, o trabalho nas redes de hotel e lojas, e o funcionamento da própria festa, demonstram que o evento foi incorporado por uma grande parcela da população da cidade. Ou seja, a festa não assume o caráter de oposição ao cotidiano, como querem alguns antropólogos ao abordarem festas como objeto de estudo. Pelo contrário, de nossa perspectiva teórica, as festas sintetizam a totalidade da vida de uma comunidade, a sua organização econômica e as suas estruturas culturais e sociais, as suas relações políticas e as propostas de mudanças.

A iniciativa de organização da Oktoberfest, tem sido divulgada pela imprensa como um trabalho predominantemente dos "homens empreendedores", mas podemos afirmar que os artífices, as costureiras e tantos outros, no papel de suportes vivos dos retalhos culturais, que formam o "patchwork" da festa, são, certamente, mulheres e homens que a incorporaram em seu cotidiano, como atividade de sobrevivência.

A ETNIA NARCÍSICA

Foi a partir da década de 1970 que houve um investimento deliberado para construir a imagem da Blumenau germânica. A Comissão Municipal do Turismo, planejou ampla divulgação da cidade. Organizou e publicou um encarte na Revista Seleções, de circulação nacional, intitulado "Adivinhe que país é este?", tornando Blumenau conhecida do resto do país, como uma "Alemanha brasileira". Com fotos de várias casas de "telhadinho

em pé", "todos juravam que era a Alemanha". O folder, com referências à paisagens arquitetônicas da Alemanha, da Áustria, da Escócia, Suíça, Luxemburgo, garantia: "Sim, é Brasil. Blumenau é um pedaço diferente do Brasil que você conhece: ...casas saídas dos contos de fada, cercadas de flores, cortinas nas janelas e (às vezes você poderia jurar) paredes de confeitos e chocolate... Faça sua viagem ao exterior sem sair do Brasil." Se anteriormente Blumenau já era uma atração turística pelos seus cristais, instrumentos musicais e confecções, ou como um recanto para casais em lua de mel, na década de 70, investe-se nela para que potencialize seu lado germânico.

A cidade turística tornou-se um modelo. Feita para o turista como cultura espetáculo para fruição e admiração, ela deve ser limpa, estetizada, harmônica, ecológica. Feita para ser contemplada, sua imagem é enquadrada num espelho. Presa na moldura, deve eliminar suas rugas, suas manchas, seus desalinhos. O feio não se mira no espelho. Somente o belo contempla a sua imagem e se deixa fotografar para a reprodução da sua imagem. E a cultura turística é a cultura fotogênica.

Nas cidades turísticas étnicas, dos Vales do Itajaí e do Itapocu, seus habitantes também compõem o cenário turístico. O "quadrante" turístico da cidade é construído como um objeto global de saber e intervenção, inclusive sobre os habitantes. Seus corpos também são submetidos a uma norma para que se tornem códigos da germanidade. Produzido para ser mostrado nos desfiles, nos shows folclóricos, nas bandas musicais, nas lojas, nos serviços, nas ruas, seus corpos devem se conformar aos códigos étnicos da germanidade.

Em Santa Catarina, a maioria das cidades, principalmente as que oferecem alguma possibilidade de emprego, têm visto suas periferias crescerem, em decorrência do êxodo rural. Em Blumenau, a "Análise Sócio-Econômica da População Urbana", realizada pelo Instituto de Pesquisas Sociais da FURB, em 1994, detectou que o número de migrantes já é maior na composição da população. No Centro da cidade 57,10% dos habitantes são de fora. "Os descendentes de alemães já não são a maioria" conclui a pesquisa. De 1904 a 1989, os migrantes somavam 44,69% da população. Em 1991/92, aumentaram para 50,37% dos habitantes.

Em 1993 noticiava-se que haviam 12 bolsões de miséria em Blumenau e que para estancar o povoamento destes bolsões de pobreza, Blumenau aderiu ao movimento de orientação à migração, integrada por outros municípios da região, cujo princípio inicial é "nunca transferir o problema em que o migrante se transformou para outra cidade. (...) Quando a situação exige, o carente recebe passa-

gem de ônibus para retornar a sua cidade de origem”. Novamente, em 1994, lê-se: “Cresce restrições para migrantes em Blumenau - Favelização da cidade leva prefeitura a jogar duro na recepção aos trabalhadores de fora.” As análises apontam que a maioria dos migrantes vêm sem condições de emprego e habitação. Uma das causas apontadas para a procura por Blumenau é o próprio turismo. “Para desenvolver o turismo, divulgamos o desenvolvimento da cidade e esquecemos das implicações que isso vai acarretar.”

A Comissão Municipal de Turismo preocupou-se, em muitas ocasiões, com a questão da migração e com os efeitos da presença destes migrantes para a imagem da cidade. Na reunião de 9.11.67, Augustinho Schramm sugeriu que se enviase “ofício ao Prefeito a fim de se retirar uma família que mora embaixo da ponte em frente à Igreja Matriz” e também que o local fosse fechado, sendo corroborado pelo colega Henrique Herwing, o qual sugeriu o “desbastamento” da área, impedindo que qualquer pessoa pudesse “permanecer de pé naquele lugar” Em 3.7.70 solicitou-se que a pedinte Madalena fosse retirada de circulação. Respondeu-se que seria acionado o Depto de Assistência Social. E, na reunião de 21.8.70, novamente o Senhor Augustinho Schramm sugeriu que o delegado local tomasse providências para impedir que desocupados perambulassem pela rodoviária. Também sugeriu que as empresas de ônibus fizessem essa reivindicação. Em 4.9.70 a Comissão solicitou ao Prefeito, a proibição de camelôs na escadaria da Igreja Matriz e em 29.2.71 solicitou que a guarda-mirim intervisse para impedir a proximidade de mendigos junto ao Hotel Glória.

As cidades, ou melhor, a região das festas, está sendo criada como imagem do povo alemão, com o ethos da germanidade. Povo ordeiro, trabalhador, limpo, progressista, mulheres e crianças louras, saudáveis, bem coradas. É a germanidade do povo que é prometida ao turista, com seu casario enxaimel, os gerâneos nas sacadas, os jardins bem cuidados, as ruas e os sanitários muito limpos e, especialmente, moradores que “preservam o ethos germânico”: o trabalho, a limpeza, o capricho dos bordados, um gosto especial pela culinária e pelos quites, uma tradição musical.

A cidade, o quadrilátero da cidade fotogênica, é produzida como um objeto global, portanto. O plano de ação sobre a construção da cidade-imagem, constrói também seus moradores. Estetiza-os porque, da imagem de cidade germânica, o “povo” é o principal componente.

Nas cidades turísticas do Vale, além de que novos trabalhadores estão sendo criados, educados, formados, para novas funções, - recepcionistas, taxistas, cicerones, guarda-mirins, engraxates, balconistas - ainda devem ser vistos pela ótica da estetização e do ethos da germanidade: ordeiros, limpos, bem educados. Foi recorrente aparecerem nas atas das reuniões da Comissão Municipal do Turismo de Blumenau, campanhas para instruir as crianças para a limpeza da cidade; reclamou-se de que os empregados das lojas jogam lixo na cidade; em 13.3.70 sugeriu-se a criação de pequenos cicerones, mantidos pela Prefeitura, a exemplo de Ouro-Preto; em 23.10.70 é apresentado o questionário a ser aplicado aos candidatos; em 24.3.70 solicitou-se um curso para garçons da cidade, no SENAC - assunto recorrente; em 3.7.70 sugeriu-

-se um curso de psicologia de vendas para balconistas - o que volta a ser assunto de pauta em várias outras oportunidades: cursos para balconistas e para recepcionistas. Em 22.10.68 comunicou-se que o curso de informações turísticas para comerciários está funcionando com 51 inscitos. O projeto de criação da guarda-mirim, com instrução profissional e uso de uniforme, “aproveitando os meninos que lavam carros nas ruas”(16.8.71); “que visa acabar com a mendicância em Blumenau” (16.8.71) entra em pauta várias vezes. Na reunião de 17.1.72 foi aprovada a proposta de seleção de moças para acompanhar senhoras excursionistas;. Em 13.8.68 Geovah Amarante diz que os engraxates deveriam ser instruídos para atender os turistas e que seriam escolhidos os mais educados e inteligentes. Em 29.10.68 informou-se que a Comissão de trânsito procura melhorar aspecto dos taxistas de Blumenau. Em 6.5.69 sobre o “mais comportado” dos engraxates, falou-se que a Assistência Social tem se dedicado na recuperação dos menores, “mas que isso é muito lento”.

Na invenção desta cidade étnica, há uma profunda imbricação entre o saber sobre o que é a sociedade real e o projeto de reforma e educação do povo para tornarem-se membros de uma sociedade ficcional. Afinal, a cultura tornou-se uma mercadoria, uma mercadoria simbólica, feita de ilusão e imagem. E como já afirmamos reiteradas vezes, a mercadoria-cultura não é separada de seus sujeitos. O povo encarna esta mercadoria ou a mercadoria é encarnada pelo povo. Ao vender uma estada em um hotel alemão, o atendimento, feito pelo ou pela recepcionista, a cama arrumada pela camareira, o chão limpo pela mulher alemã, o café servido pelos serviços e culinária alemães, tudo isto vem revestido da aura da germanidade. Portanto é preciso que estes trabalhadores vistam a alma alemã.

A CIDADE CARTÃO-POSTAL

A cidade estetizada, turística, na constituição de um povo étnico, pela ação dos construtores desta germanidade refletida no espelho, os mendigos, os estranhos, são colocados na invisibilidade fora do alcance dos olhos do turista. Na reunião de 9.7.68 solicitou-se aos Prefeitos de Gaspar e de Ilhota que evitassem construções de barracos às margens do Rio-Itajaí para não dar má impressão aos turistas. Em 16.1.71 pediu-se ao Prefeito de Blumenau que mandasse pintar as casas das favelas à vista do turista. Os morros, que costumeiramente têm se transformado no “espetáculo da pobreza”, pela formação de favelas, foram preenchidos pelo verde e pela ocupação turística. O turismo subiu o morro, poderíamos dizer. Esta ação pode ter dois efeitos. Se por um lado, a vista a partir da cidade alcança o morro com sua paisagem compondo o cenário lusídeo, verde, de outra feita, o turista subindo o morro, sua vista alcança a cidade com seu casario típico, seu traçado bem cuidado, a silhueta do rio cortando a paisagem urbana, o qual faz parte de sua história.

Sobre as obras de um restaurante do Morro do Aipim, o Frohzzinn, discutida em várias reuniões da Comissão de Turismo, em Blumenau, tratou-se do plano da chapada e do ajardinamento, do acesso, da iluminação. Na reunião de 27.8.68 “decidiu-se enviar ao prefeito um ofício solicitando que seja impedida a construção de uma casa de madeira”(…) “para não aumentar a favela ali existente”.

E na reunião de 10.4.70 o próprio Prefeito pediu parecer da Comissão quanto à construção de casas de madeira no Morro do Aipim. Outro morro transformado em ponto turístico, foi o Spitztroph, projeto também discutido amplamente e acompanhado pela Comissão Municipal de Turismo, denunciando-se, em reunião de 2.10.70, o desmatamento de uma de suas áreas, “prejudicando a beleza natural”. Ainda um terceiro morro, o Becauser, é alvo de transformação em ponto turístico. Na reunião de 13.3.70, sugeriu-se de que ali se construísse um Motel. No enquadramento sócio-geográfico da cidade, o processo de estetização subiu os morros, portanto.

As funções do morro (termo antigo da sociologia) refletem o olhar sobre a cidade: o olhar do lazer, do prazer da contemplação da vista, no duplo sentido da palavra: da nossa vista e a vista da cidade. Misturado a este olhar, especialmente nos tempos mais recentes, nossos imaginários sobre os morros das cidades são repletos de imagens de perigo e violência. Lugar de moradia dos pobres, abrigo dos bandidos, o morro é sinônimo de favela, onde habitam os operários, trabalhadores desempregados, junto à bandidos, traficantes, organizações criminosas. O morro tornou-se, desde então, ao mesmo tempo, imagem de moradia e de abrigo dos mais pobres, lugar dos “desclassificados”.

Na Blumenau turística, as ruas também foram cuidadas para que fossem iluminadas. Na reunião da Comissão de 3.12.68, solicitou-se iluminação do footing aos domingos; em 14.8.70 reclamou-se das mesas de bar nas calçadas. Em 22.5.70 Herbert Hering solicitou um guarda para o horto nos fundos da Biblioteca Pública, impedindo que se “cace” no local. Sobre isso Günther Steibach sugeriu que os escoteiros e bandeirantes vigiassem o local em troca da exploração de um bar. Sobre esses controles de locais, ainda pode-se falar de iluminação de ruas escuras “para evitar perigo contra as moças”, e da troca do nome do hotel “Veraneio”, porque os turistas duvidam da sua seriedade.

Quando se vai a um parque de diversões, Beto Carreiro World, em Penha, ou o Play Center, em São Paulo, por exemplo, depara-se com várias coisas montadas em imagens virtuais, uma minicidade, a caverna dos piratas, etc., que por mais que se pareçam com o real, pela pintura envelhecida, os musgos cobrindo o cimento para imitar rochas, as personagens mecânicas, de cera ou empalhadas, misturadas com atores que interagem com o público, sons imitando vozes de animais, etc, sabe-se que não passam de metáforas. Outras cidades diversão,

como World Sacramento, na Califórnia, por exemplo, imitando cidades do velho oeste americano, são como “ghost towns”, montadas exatamente como o eram há cem anos atrás. A vendedora está vestida à dama antiga, o mocinho de cowboy. É pura imitação. Mas imitação “verdadeira”, no traçado da cidadela, na arquitetura, a velha escola, a estação do trem, o comércio, e o turista participa da ficção, como participante desta “feira comercial”.

Outras cidades-diversão, concentram-se sobre o jogo e o espetáculo. Las Vegas é um exemplo, com sua arquitetura totalmente artificial, é uma cidade “mensagem”, toda construída de signos, “não uma cidade como outra qualquer, que comunica para poder funcionar, mas uma cidade que funciona para comunicar”. É uma cidade “verdadeira”. Assim são as cidades germânicas. Cidade comunicação. Tudo é feito para comunicar a germanidade, para se transformar na “Alemanha Brasileira”. Não só na semiologia topográfica ou iconográfica, mas na leitura dos próprios corpos, da língua, da música, da dança. Os moradores são performatizados, nos serviços, nos desfiles, na apresentação dos grupos folclóricos e das bandinhas típicas, que infestam os bares e casas noturnas e outros espaços de espetáculos, com seus shows e música alemã. O Casal Werner Garni e sua esposa, por exemplo, nos seus 80 anos, todas as noites, depois do jantar, iam aos restaurantes da cidade, principalmente no Moinho do Vale, onde muitos turistas “querem nos conhecer”. Aliás, disse o Sr. Garni “os guias avisam que lá há como atração a presença de um casal muito antigo que ainda dança.” Isto, o ano inteiro. “Somos conhecidos do mundo inteiro, e desde a Oktoberfest, nós fomos aproveitados pelos prefeitos, porque somos muito conhecidos.” Durante a Oktoberfest, o casal recebia uma carruagem da prefeitura para passar pelas ruas, em exposição.

A explosão da cultura na esfera econômica, na definição de Jamenson, faz com que a imagem assuma a forma mais acabada da mercadoria. Tudo é performático, tudo é mercadorizado no espetáculo dos meios de comunicação, que tudo vende, seja informação, seja comunicação e acaba por informar/produzir a opinião pública e como tal estimula a conscientização, dotando as elites administrativas de um meta-discurso acerca do turismo enquanto “potencial econômico”, que o “turismo e cultura andam juntos” e que a “tradição deve ser estimulada”.

Texto extraído do livro Oktoberfest: Turismo, Festa e Cultura na Estação do Shopping Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997, 188 páginas

Foto: Marcelo Martins



Julgamento e Justiça

Expectativa agora é de que o Supremo Tribunal Federal empregue o mesmo rigor nos outros julgamentos a serem feitos pelo órgão

POR MAURÍLIO DE CARVALHO, Jornalista, pós-graduado em Políticas Públicas

< maurilioc@r7.com >

A corrupção é hoje o maior problema do Brasil. Esta praga está entranhada na sociedade, como o belicismo agressivo está na cultura estadunidense. A corrupção foi tomando conta graças à impunidade, mãe de todos os males. Nenhuma democracia séria do mundo tolera tamanha bandalheira, que envolve não apenas a classe política, mas diferentes setores da sociedade, incluindo parcela da imprensa e do Judiciário.

A relação espúria da revista Veja com a quadrilha do bicheiro Carlinhos Cachoeira é um exemplo do quão podre está parte da mídia nacional. O escândalo envolvendo o juiz Lalau, as denúncias de vendas de sentenças e as revelações que os Tribunais de Justiça pagam super-salários aos desembargadores mostram que nem a Justiça está imune. Fala-se muito em combater a corrupção, mas pouco se faz.

A relação espúria da revista Veja com a quadrilha do Cachoeira mostra que parte da mídia está podre. Talvez por isso o julgamento pelo Supremo Tribunal Federal da Ação Penal 470, que a grande imprensa convencionou chamar de “mensalão do PT”, tem despertado tanto interesse de parte da sociedade. A mídia criou o

“mensalão” e transformou o julgamento em um espetáculo circense, incentivando o público a torcer para que o leão coma o domador. Mas a mesma mídia que exige a punição exemplar dos petistas, se finge de cega em relação ao “mensalão” tucano e pouco se fala do “mensalão” do DEM.

Aliás, é importante lembrar que o esquema operado por Mar-

O julgamento do “mensalão” pode se tornar um divisor de águas no Brasil, dando início a um movimento histórico para pôr fim à impunidade. Todos os outros políticos julgados pelo Supremo foram absolvidos

cos Valério começou em Minas Gerais, durante a campanha do ex-governador do PSDB Eduardo Azeredo à reeleição. Embora o “mensalão” tucano seja anterior ao petista, a Justiça preferiu julgar o do PT antes. Mais: o mesmo

STF que não aceitou o desmembramento do processo petista o fez com o dos tucanos (apesar de ter mais de oitenta réus, o Supremo só vai julgar Azeredo). Uma opção que, à luz da Justiça, revela privilégios ou interesses recônditos. Quem não se lembra da frase ministro Ricardo Lewandowski quando o STF julgou a admissão de abertura do processo do mensalão do PT que “todo mundo votou com a faca no pescoço e que a imprensa acuou o Supremo”?

“Todo mundo votou com a faca no pescoço, a imprensa acuou o Supremo”.

Não se trata de absolver o PT, tampouco de afirmar que não houve irregularidades na contabilidade de campanha do partido. O objetivo é mostrar a forma diferenciada de tratamento dado pela Justiça, pela Procuradoria-geral e, principalmente pela imprensa, aos “mensalões” do PT e do PSDB. O que está em jogo é de novo a luta de classe, que se acirrou a partir da vitória de Lula, em 2002. O escritor Leonardo Boff explica a situação afirmando que “as elites econômicas e intelectuais estão mais interessadas em defender privilégios do que garantir direitos para todos. Elas nunca se reconciliaram com o povo”.

O “mensalão” ainda está por provar. Até porque, não tem ca-

bimento o governo do PT pagar parlamentares do próprio PT para aprovarem projetos do PT. Se os beneficiados do esquema fossem parlamentares da oposição teria lógica. O que está por trás de toda essa sanha é a tentativa de atingir os governos Lula e Dilma. As acusações revelam caixa dois para pagar despesas de campanha dos partidos aliados, que deve ser punida, com rigor, mas não pelo Código Penal como o STF está fazendo, e sim pelo Código Eleitoral. Mas que essa punição seja estendida a todas as legendas que usaram do expediente em eleições, neste caso, a grande maioria, para não afirmar que são todos.

Outro fator que contribui para reforçar a tese da imposição midiática é a postura do procurador-geral da República, Roberto Gurgel. Ágil em denunciar o “mensalão” do PT, mesmo admitindo que as provas são “tênuas”, Gurgel deixou na gaveta por quase três anos o inquérito da operação Monte Carlo, da Polícia Federal, que envolvia o governador de Goiás, Marconi Perillo, do PSDB, em transações pessoais de milhões de reais com o bicheiro Carlos Cachoeira.

Como se vê, são dois pesos e duas medidas. Por trás dos editoriais, das acusações sem provas e dos discursos inflamados dos ministros do STF estão os interesses de grupos. “As elites econômicas e intelectuais estão mais interessadas em defender privilégios do que garantir direitos para todos. Elas nunca se reconciliaram com o povo”.

O julgamento do “mensalão” do PT pode se tornar um divisor de águas no Brasil, dando início a um movimento histórico para pôr fim à impunidade reinante. Até por que, todos os outros políticos julgados pelo Supremo foram absolvidos, inclusive Collor. O rigor com que o STF está julgando o “mensalão” do PT acende a esperança de um novo tempo, que vem se somar à Lei da Ficha Limpa e a outros mecanismos de combate à corrupção.

O que se exige é que o rigor de agora seja empregado nos outros julgamentos que serão feitos pelo Supremo. Que os outros processos a serem analisados pela corte tenham o mesmo tratamento. O tempo vai mostrar se os ministros julgaram com independência e isenção ou se sofreram pressões. O que se espera é que a Justiça seja justa e puna exemplarmente os criminosos, independente de





Lançamento do novo clipe 'Pra te encontrar' da banda The Zorden gerou repercussão pela criatividade e sensibilidade

Pra te encontrar

Lançamento do primeiro clip da banda The Zorden desperta atenção para novo cenário na vida cultural de Santa Catarina

POR MAICON TENFEN, escritor

< tenfenmaicon@gmail.com >

Com o lançamento do primeiro clip da banda The Zorden, foi inevitável perceber que algo verdadeiramente estimulante está acontecendo na vida cultural de Santa Catarina: a união de esforços originários de diferentes formas de arte para levar ao público manifestações autênticas, ousadas e originais.

Com base na letra e na música de Pra te encontrar, uma das faixas do CD Mudanças (disponível no myspace), o vídeo de 3 minutos e 30 segundos é uma animação produzida pelo Belli Studio, de Blumenau, que encarou o desafio de "ilustrar" a canção com imagens e movimentos.

Digo desafio porque, conforme brincou o diretor Rubens Belli no discurso de lançamento, "um desenho animado é sempre divertido de assistir, mas pra fazer dá um trabalho que ninguém consegue imaginar".

Ainda que o clip seja o primeiro, o The Zorden está há um longo tempo na estrada. A banda já havia começado em São Joaquim, cidade natal dos Irmãos Martorano, mas a coisa engrenou depois

que se mudaram para Blumenau, recrutaram mais músicos e resolveram levar a carreira a sério.

Tocam covers em grande estilo, de Jim Morrison a Chico Buarque, de James Brown a Milton

Se é difícil fazer música com personalidade em Santa Catarina — aliás, em qualquer lugar do planeta —, o que dizer da sonhadora e dispendiosa arte da animação?

Nascimento, mas é nas composições próprias que vêm se destacando e pretendem deixar a sua marca.

(Há um dado curioso sobre a família Martorano. Conforme relatado em Chatô, o Rei do Brasil, a volumosa biografia escrita por Fernando Morais, o avô dos músicos salvou Assis Chateaubriand

de um pelotão de fuzilamento. Não fosse pelo velho César Martorano, que hoje é nome de rodovia, a história da imprensa seria diferente no Brasil. Mas isso é assunto para outra crônica).

Se é difícil fazer música com personalidade em Santa Catarina — aliás, em qualquer lugar do planeta —, o que dizer da sonhadora e dispendiosa arte da animação? Apesar de todas as dificuldades do meio, o Belli Studio também não é iniciante em sua praia. Acaba de completar dez anos de existência, e o portfólio que levou para a festa é digno de admiração.

O curta-metragem Aventuras na Ilha da Magia foi o passo inicial para a realização de séries animadas como A Turma do Betinho Carreiro e Carrapatos e Capapulas, este último vencedor do Anima TV e já veiculado na TV Cultura, TV Brasil e Cartoon Network.

É dessa experiência que veio um conceito tão "redondo" quanto o empregado no clip do The Zorden. O protagonista, um mochileiro que sai pelo mundo à procura daquela que parece ser a mulher da sua vida, acaba depa-

rando com inúmeros obstáculos e, sempre na hora agá, é salvo pelo violão, um instrumento que não é apenas musical, mas mágico, já que se transforma em utensílios de viagem e meios de transporte.

A letra da música é um achado em sua simplicidade: "Pra te encontrar eu viajarei/ Pra te encontrar, velejarei/ Por todo o mar, por todo o azul/ Aonde quer que estas/ Sempre eu estarei/ Seja onde for/ O teu amor/ Um dia encontrarei". Sobre o som das palavras, corre e voa e nada o nosso viajante — vamos chamá-lo Ulisses, aquele da Odisseia, que enfrenta os mares para reencontrar Penélope —, de modo que também ficamos propensos a "viajar" pelos possíveis significados da obra.

Como os leitores que buscarem o clip no Youtube perceberão, a estação ferroviária da qual parte o herói é a mesma a que chega no fim da aventura. A única diferença é que agora está ali uma mocinha lendo jornal (Penélope, que o esperava?), indício de que, talvez, o que procuramos na distância pode estar perto, mais do que imaginamos, bem debaixo do nosso nariz...



Suicídio: uma questão de saúde pública

De janeiro a agosto deste ano, Blumenau registrou quase 90 tentativas de suicídio e 11 casos confirmados. As estatísticas alertam para a gravidade do problema

POR MAGALI MOSER, jornalista do Sinsepes < magali.moser@gmail.com >

Um mundo em preto e branco se descortina. A comida deixa de ter sabor. Perde-se a noção se é dia ou noite. O desespero beira o insuportável. O mundo de Antônio* ficou sombrio quando ele se descobriu dependente químico. Aos 25 anos, enfrentou uma crise depressiva após o uso de cocaína e álcool e desistiu da vida. Tentou se enforcar com uma corda, dentro de casa, após ingerir veneno. A mulher dele chegou a tempo e evitou o ato. Oito anos depois, numa situação semelhante, Antônio cortou os pulsos e foi socorrido pelo filho de então 16 anos, que o encaminhou ao hospital. Hoje, aos 37 anos, Antônio se recupera do vício ao lado da família e é um voluntário da Irmandade Alcoólicos Anônimos em Blumenau. A história do personagem é verídica, mas muitos casos não têm este desfecho. Só este ano, 309 pessoas tiraram a própria vida no Estado. De 2006 até agora foram 3.224. Dados do Ministério da Saúde apontam que Santa Catarina é o segundo estado onde mais se comete suicídio no país, atrás apenas do Rio Grande do Sul. As estatísticas oficiais podem

não captar a total dimensão do problema, mas demonstram porque o suicídio é considerado um problema de saúde pública pela Organização Mundial de Saúde.

Antônio* é prova de que o sui-

"Hoje não se pode mais ficar triste, viver um luto. Há uma cobrança excessiva por corresponder a esse ideal de felicidade permanente. Não se aguenta o mínimo de sofrimento"

cídio pode envolver vários aspectos da existência humana.

- Na hora eu pensava em acabar com o meu sofrimento. Era uma agonia muito grande. Estava no fundo do poço. Perdi até minha identidade, não era chamado pelo meu nome. Virei "o drogado". Hoje, consegui me reerguer. Mas a batalha contra as drogas é diária - relata.

Apesar dos altos índices de sui-

cídio, há poucos trabalhos sobre o tema no Estado. Pouco se fala, se lê ou se escreve a respeito. O assunto ainda é considerado um tabu, especialmente entre os veículos de comunicação cujos manuais de redação proibem a publicação desses casos sob a justificativa de que poderia estimular situações semelhantes. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) "o relato de suicídios de uma maneira apropriada, apurada e cuidadosa, por meios de comunicação esclarecidos, pode prevenir perdas trágicas de vidas", segundo o manual "Prevenção de suicídio: um manual para a mídia", produzido especialmente para os veículos de comunicação. Médicos e especialistas convergem para a necessidade de identificar políticas públicas para a prevenção, mas reconhecem a dificuldade de enfrentar o problema.

O professor do curso de Psicologia da FURB Alvaro Luiz de Aguiar lembra que é equivocado o pensamento de que o suicídio é um mal da sociedade moderna. O problema acompanha a humanidade desde os tempos mais remotos. Ele aponta que o primeiro grande estudo sobre o tema

foi feito pelo sociólogo Emile Durkheim sobre o fenômeno nas populações europeias do século XIV. Na época, Durkheim teria constatado que as taxas aumentavam conforme os períodos de pobreza se intensificavam. Para o professor, o suicídio pode ser um dos maiores problemas na área da saúde a ser enfrentado nos próximos anos, não só no Brasil, mas no mundo inteiro:

- Há um despreparo para lidar com o tema. Não há preocupação em enfrentar o problema - adverte. As cobranças da sociedade atual com a exigência da perfeição e competitividade acentuam o quadro, na avaliação da psicanalista, professora da FURB e tutora do Programa de Saúde Mental (Propet Saúde), do Ministério da Saúde, Carla Kumiotto.

- Hoje não se pode mais ficar triste, viver um luto. Há uma cobrança excessiva por corresponder a esse ideal de felicidade permanente. Não se aguenta o mínimo de sofrimento. Ele faz parte da vida, é inevitável - aponta, ao criticar a distribuição desenfreada e leviana do antidepressivo fluoxetina, na rede pública de saúde de Blumenau.

Foto: stock.xchng



Os números em Blumenau

Blumenau está entre as cidades que apresentam os mais altos índices de suicídio do Estado. Desde 2010, a Vigilância Epidemiológica da Secretaria de Saúde de Blumenau reúne as estatísticas sobre suicídios na cidade.

- Nossa intenção com este perfil da violência é contribuir para que os gestores criem políticas públicas e que a sociedade em geral discuta essa questão, tratada de forma superficial – explica a assistente social da Vigilância Epidemiológica de Blumenau, Rejane Wilwert.

Os números oficiais apontam que de janeiro a agosto deste ano, 88 pessoas tentaram o suicídio no município. Ao todo 11 pessoas (oito homens e três mulheres) tiraram a própria vida no mesmo período. Em 2011, foram 29 casos de suicídios em Blumenau (18 homens e 11 mulheres) e 51 tentativas registradas. Mas as estatísticas podem estar longe de refletir o número real de casos.

- Os números sobre suicídios em Blumenau são subestimados. Não há uma coleta de dados confiável. Mas com base nos internamentos em hospitais por intoxicação acreditamos que o número seja alto – alerta o psiquiatra Juliano Tonello.

O médico tem a experiência clínica no atendimento em pronto-so-

corro de pacientes psiquiátricos e na unidade de internação de psiquiatria no Hospital Santo Antônio de 2004 a 2011. A vivência fez com que tivesse contato diariamente com múltiplos casos de tentativas de suicídios.

"Veja o exemplo de Blumenau e Pomerode. Parece que temos a obrigação de ser o que somos. Quando dá uma enchente, você pode estar morrendo de tristeza, mas tem o compromisso de deixar logo o jardim com flores"

- Muitas mortes por suicídio acabam sendo registradas como acidente doméstico, acidente de trânsito, não sendo contabilizadas como suicídio. Blumenau está longe ainda do controle ideal, é um problema do país inteiro – aponta o psicólogo Alvaro

Luiz de Aguiar.

O fato de cidades/regiões com alto índice de desenvolvimento apresentarem taxas de suicídio consideradas alarmantes intriga quem estuda o assunto. O professor Aguiar indica ainda que isso pode acontecer pelo fato de essas cidades controlarem melhor os dados. Mas a opinião não é consenso entre especialistas. Com um padrão de vida superior à média brasileira, alta renda per capita e baixas taxas de analfabetismo, as 13 cidades atendidas pelo Instituto Médico Legal de Blumenau registraram 54 suicídios ano passado. De janeiro a junho deste ano foram 29, a maioria por enforcamento.

- Veja o exemplo de Blumenau e Pomerode. Parece que temos a obrigação de ser o que somos. Quando dá uma enchente você pode estar morrendo de tristeza mas tem um compromisso com o vizinho, com a nossa cultura, de logo deixar o jardim com flores. Mesmo sob efeito da enchente, a gente escuta: "nós somos blumenauenses, tem que erguer tudo rápido", é cultural. Pomerode é assim também. A cidade mais bonitinha do Brasil. Têm que ser bonitos, caprichosos, têm que sorrir sempre. Qual o custo da manutenção dessa imagem? – questiona Alda Nunes

Warmling, voluntária do Centro de Valorização da Vida e Prevenção ao Suicídio em Blumenau.

A experiência clínica de 20 anos credencia a psicanalista Carla Kumiotto a falar com propriedade sobre o tema. Segundo ela, dois são os perfis mais vulneráveis ao suicídio: os chamados "casos limite", indivíduos que têm uma imagem frágil de si mesmos, e aqueles que tendem a ver qualquer separação como abandono.

- Blumenau é uma cidade provinciana no modo de pensar. As pessoas viajam e só trazem objetos, não trazem histórias. Há uma preocupação muito forte com a manutenção da "imagem", do "status". É uma cidade muito rica, mas pobre ao mesmo tempo. É preciso pensar em espaços de convivência, de cultura e lazer que sirvam de contigência aos sofrimentos da vida – acredita.

Muitos casos de suicídio, lembra a professora, também estão ligados à dificuldade de lidar com perdas, não necessariamente de pessoas queridas, mas também de salário, de imagem, etc. As previsões alertam: Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), até 2020 a depressão será a segunda maior causa de mortes no mundo, atrás apenas das doenças cardíacas.

"Viver é um rasgar-se e remendar-se"

Guimarães Rosa

Com a experiência de quem é voluntária por 27 anos do Centro de Valorização da Vida e Prevenção ao Suicídio (CVV), Alda Nunes Warmeling presta serviço voluntário e gratuito de apoio emocional a quem quer conversar sobre suas dores e dificuldades. O atendimento é feito 24 horas pelo telefone 141. Há ainda possibilidade de ser atendido pessoalmente, por correspondência ou email.

- Todas as questões de desespero e vontade de morrer podem se evitadas e combatidas. O remédio não é o único caminho. Muitas vezes, a pessoa busca apenas alguém para lhe ouvir.

Para o CVV, o estudo e a discussão do tema suicídio são algumas das formas mais eficientes de se promover a prevenção, pois esta só é possível quando a população, os profissionais da saúde, os jornalistas e governantes têm informações suficientes para conduzir as medidas adequadas e ao seu alcance nessa frente

- Blumenau precisa investir muito em espaços culturais e de convivência. A cidade vive de uma imagem, de um "status" muito forte. A violência tem a cara da sociedade que a produz. E quando a sociedade tem serviços de inclusão das demandas ela diminui essa violência. O antídoto para a violência é a capacidade de inclusão, os serviços de qualidade – aponta a assistente social Rejane Wilwert.

O psiquiatra Juliano Tonello expli-

ca: - O suicida quer deixar de sofrer. O desejo não necessariamente é a morte. Mas acabar com o seu sofrimento. Buscar uma fuga. - avalia. E engata:

- A propaganda da prefeitura diz que Blumenau é a melhor cidade do Estado. Pode causar a ideia de que estamos bem. Mas há deficiências enormes no que diz respeito ao tratamento da saúde mental.

" O suicida quer deixar de sofrer. O desejo não necessariamente é a morte. Mas acabar com o seu sofrimento. Buscar uma fuga"

A OMS indica 0,45 leitos para cada 1000 habitantes. Pela sua população, Blumenau teria de ter 135 leitos. Hoje o Hospital Santo Antônio oferece 10 (SUS) e o Hospital Santa Catarina 25 (particular).

- A política de saúde mental em Blumenau precisa ser ampliada. Em muitos casos, a pessoa sinaliza a prática de nova tentativa, depois que ela recebe o primeiro atendimento emergencial - conclui Andrea Aparecida de Souza Konell, enfermeira da Vigilância Epidemiológica.

Para saber mais

NA LIVRARIA

Quando a Noite Cai – Entendendo o Suicídio

Kay Redfield Jamison. Gryphus, Rio de Janeiro, 2002

Suicídio, Testemunhos do Adeus

Maria Luiza Dias. Brasiliense, São Paulo, 1991

O Deus Selvagem – Um Estudo do Suicídio

A. Alvarez. Companhia das Letras, São Paulo, 1999

O Que é Suicídio

Roosevelt M.S. Cassorla. Brasiliense, São Paulo, 1985

Do Suicídio – Estudos Brasileiros

Roosevelt M.S. Cassorla (org.). Papyrus, Campinas, 1998

Suicide and the Unconscious

Antoon Leenaars and David Lesters (ed.).

Jason Arosen, Estados Unidos, 1996

Dicionário de Suicidas Ilustres

J. Toledo. Record, Rio de Janeiro, 1999

O Suicídio: Um Estudo Sociológico

Émile Durkheim. Zahar, Rio de Janeiro, 1982

NA INTERNET

www.cvv.org.br

Carta aberta à comunidade

O Comitê Pró-Federalização da FURB vem a público manifestar sua insatisfação e profundo descontentamento com o andamento do processo de criação, a partir da FURB, da terceira universidade federal de Santa Catarina. Em 11/07/2012, o Ministério da Educação assumira o compromisso de elaborar uma proposta sobre o modelo efetivo a ser implantado. No entanto, pouco mais de um mês depois, em 23/08/2012, de forma unilateral, renunciou e transferiu a tarefa à UFSC. Esta, por sua vez, em 13/09/2012, apresentou à FURB um “Esboço de Termo de Cooperação”, cujo teor não atende minimamente à reivindicação histórica da região. Este trâmite desvirtua o que deveria ser o início de um processo institucional com vistas à criação da nossa Universidade Federal. Destarte, o Comitê expressa sua rejeição à proposta refletida em tal esboço. Ademais, reitera sua disponibilidade para o diálogo em prol da consecução de um projeto que contemple os anseios da comunidade regional.

Desde as grandes mobilizações de agosto de 2011, o processo de criação da Universidade Federal do Vale do Itajaí tem se limitado a promessas de comissões conjuntas. O Comitê constatou a forte inclinação dos atores envolvidos para considerar este pleito de um modo que ignora as premissas do movimento FURB FEDERAL. As posturas demonstram desinteresse e desconhecimento da realidade da FURB e do seu valor estratégico para a comunidade do Vale do Itajaí.

O Comitê Pró-Federalização reafirma, mais uma vez, seu compromisso, já de 10 anos, pela criação de uma universidade federal a partir da FURB. Vale dizer, incorporando a transferência dos estudantes, a cessão temporária dos servidores e a cessão do patrimônio físico. Manifesta, igualmente, que persistirá nesta luta histórica, enfrentando a falta de vontade política e as protelações oficiais na resolução da causa. Reafirma, aqui, a necessidade de um estudo jurídico que dê amparo legal ao processo político.

Neste sentido, o Comitê conclama a cidadania a participar das atividades reivindicativas, de forma coletiva ou individual, e a fazer pressão junto aos representantes políticos, e aos gestores institucionais, que têm responsabilidade direta sobre a questão. Na verdade, o diálogo precisa ser ampliado à comunidade e seus movimentos sociais.

O Vale do Itajaí merece uma universidade pública, gratuita e de qualidade para atender às necessidades regionais de todas as classes e segmentos sociais. Para fazer mais, e para não excluir a quem não pode pagar, é que queremos a FURB FEDERAL.

Blumenau (SC), 25 de setembro de 2012.

Comitê Pró-Federalização da FURB
Fundação Universidade Regional de Blumenau
Rua Antônio da Veiga, 140. Campus I, Sala C-200.
89012-900 Blumenau SC
Fone: (47) 3321-0940

Correio-e: furbfederal@furb.br

Repúdio à proposta de parceria FURB/UFSC

FURB rejeita modelo de cooperação sugerido pela UFSC e aprovado pelo MEC para implantar universidade gratuita em Blumenau

A carta aberta que você lê ao lado foi o principal encaminhamento da plenária do Comitê Pró-Federalização da FURB, em resposta ao termo de cooperação encaminhado ao Ministério da Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com um modelo para parceria com a universidade de Blumenau. A comunidade acadêmica lotou o auditório do bloco J, dia 25 de setembro. Professores, servidores e estudantes manifestaram-se sobre o documento aprovado pelo MEC.

De acordo com o documento, cabe à universidade federal selecionar os alunos e escolher os docentes. A FURB deve oferecer condições materiais adequadas para instalação e execução do curso, inclusive disponibilizando salas de trabalho em boas condições para pesquisa, extensão e ensino. Fica como responsabilidade da universidade de Blumenau também garantir a limpeza, a segurança e a conservação dos espaços usados pela UFSC na cidade.

Em agosto do ano passado, a presidente Dilma Rousseff anunciou a instalação de um campus federal em Blumenau. Por enquanto não há consenso sobre o

modelo para a parceria.

A OPINIÃO DOS PROFESSORES DA FURB

Para a professora Elsa Bevia, a proposta de parceria incluída no processo não é definitiva e é anterior à última reunião realizada em 29 de agosto de 2012 no gabinete da reitora da UFSC, Roselane Neckel.

- Nesta reunião, a reitora deixou claro que vamos negociar a parceria e que temos que nos pautar pelo que estamos conversando, nos termos do que foi autorizado pelo ministro Aloisio Mercadante. Afirmou que vai respeitar os interesses da comunidade de Blumenau, iniciando a parceria com cinco cursos, transferidos da Furb para a UFSC. Os professores da FURB que lecionam nesses cursos, inicialmente autorizados, trabalharão cedidos por um período de 24 meses para a federal. A luta continua, precisamos dialogar com os professores e estudantes da UFSC, buscar novos apoios, fortalecer o movimento - avalia a professora Elsa.

De acordo com a professora

Elsa Bevia, a reitora informou que foram autorizadas novas vagas públicas para Blumenau, sendo 102 para professores e 170 para técnicos administrativos.

Na análise do professor Oklinger Mantovaneli Júnior, a proposta de minuta de cooperação, além de não respeitar o espírito público que deve presidir este tipo de tratativa, uma vez que quem financiaria a proposta da UFSC ainda seriam as mensalidades dos atuais estudantes, os mesmos que esta exclui, não respeita a autonomia e a paridade de um processo de cooperação entre entidades maduras, públicas e com meio século de história.

- Além de desrespeitar as alegações do Ministro da Educação e tudo o que, com ele foi acordado. Embora contraditoriamente o ofício encaminhado pelo MEC não veja óbice legal ao documento. Vale lembrar que as procuradorias respondem a indagações objetivas. Precisamos também formular as nossas além de equilibrar esta dinâmica com o valor da cidadania contrapondo-se às disfunções da burocracia das IES e do governo federal - conclui o professor Mantoveli Júnior.

SOBRE O TERMO DE COOPERAÇÃO

- O curso escolhido (o documento não detalha se serão um ou mais, usa o termo ora no singular, ora no plural) será ministrado pela UFSC. Será público e gratuito
- A UFSC terá autonomia para selecionar os alunos, escolher e planejar os cursos
- Docentes da UFSC poderão atuar como co-orientadores em cursos afins ministrados pela FURB
- A FURB deverá oferecer o espaço físico, disponibilizar laboratórios equipados, zelar pela limpeza, segurança e manutenção da estrutura usada pela universidade federal
- Sairão também da FURB, no mínimo, 10 servidores para suporte administrativo. A remuneração destes funcionários deverá ser bancada pela FURB
- A UFSC será responsável pelas despesas relacionadas à seleção dos alunos
- A UFSC será responsável pelas despesas relacionadas à remuneração dos quadros, cabendo as demais despesas e investimentos à Furb, inclusive com relação à remuneração dos docentes e servidores oriundos de seus quadros
- O termo de cooperação vigorará por dois anos, contados a partir da data da assinatura, podendo ser prorrogado
- A UFSC assumirá apenas despesas expressamente previstas no termo de cooperação, não se responsabilizando por despesas ou dívidas de competências da FURB, mesmo que diretamente relacionadas à execução dos cursos a serem criados em razão do acordo



CARTA ABERTA À COMUNIDADE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

Prezados membros da comunidade da UFSC, o Comitê Pró-Federalização da FURB é um movimento social que se estruturou no final de 2002 visando lutar por antiga reivindicação do Vale do Itajaí: uma UNIVERSIDADE FEDERAL.

Neste processo histórico, desenvolveu-se o projeto FURB FEDERAL. Sua finalidade é mostrar à sociedade brasileira, e às autoridades que a representam, a viabilidade e os benefícios auferidos com a criação da nova Universidade Federal em Santa Catarina, tendo como embrião o que a comunidade regional, entretantes, criou e desenvolveu para atender às suas necessidades: a Universidade Regional de Blumenau (FURB), instituição municipal de direito público. Várias foram as ações de mobilização realizadas pelo movimento, das quais destacamos o Plebiscito de maio de 2008, que envolveu a cidadania de 18 municípios da mesorregião do Vale do Itajaí. Seu resultado expressou o inequívoco apoio da comunidade regional às premissas do movimento: a) cessão à União do patrimônio físico da FURB; b) cessão temporária dos servidores públicos municipais da Instituição, de modo a continuarem seu trabalho na nova Universidade Federal, e a concluírem as suas carreiras como servidores municipais; c) transferência dos estudantes da FURB à nova Universidade Federal. Sublinhamos que, em nenhum momento, cogitamos a transposição de servidores do quadro municipal para o federal. Tais premissas, aprovadas por 95% dos mais de 30 mil cidadãos que participaram do plebiscito, procuram, por um lado, respeitar os direitos dos que nela já trabalham ou estudam; por outro, impulsionar o desenvolvimento da nova Universidade Federal, ao permitir a imediata utilização dos recursos facultados pela FURB, cujos benefícios incluem 44 carreiras de graduação, 10 mestrados e 2 doutorados, que também agregam pesquisas e serviços prestados à população da região.

Ao longo da presente década, diversos documentos foram entregues a representantes políticos, dos âmbitos municipal, estadual e federal. Aqui, destacamos o estudo intitulado Universidade Federal do Vale do Itajaí – Projeto FURB Federal, produzido pela equipe do Instituto de Pesquisas e Estudos em Administração Universitária (INPEAU-UFSC), em parceria com o grupo instituído pela FURB para a finalidade, do qual integraram membros deste Comitê. Igualmente, realizaram-se vários atos públicos, como audiências na Assembléia Legislativa de Santa Catarina, na Câmara Municipal de Vereadores de Blumenau, na própria FURB; seminários com a presença de especialistas em gestão pública universitária, debates e passeatas, entre as quais duas Marchas pela Federalização da FURB, em agosto de 2011, com 10 mil manifestantes.

Destacamos igualmente a tramitação no Congresso Nacional do PLS N° 295/ 2005 convertido no Projeto de Lei N° 7.287-B, de 2010, o qual incorporou as propostas do nosso movimento. Ao final de sua tramitação, tivemos o reconhecimento do seu mérito e a aprovação pela Comissão de Educação e Cultura em indicação do mesmo ao Poder Executivo.

A FURB tem quase 50 anos de história e, neste tempo, constituiu um patrimônio que permite a realização do Ensino, da Pesquisa e da Extensão com qualidade. Entretanto, desejamos ampliar os benefícios da Universidade Pública à sociedade, quer em quantidade, quer em qualidade, para o que é necessário o financiamento estatal. Hoje, a Universidade Regional de Blumenau acolhe aproximadamente 12 mil estudantes. Toda a sua estrutura está fundamentada no direito público. Porém, cerca de 80% das suas receitas provêm das mensalidades pagas pelos estudantes, o que caracteriza uma contradição, cuja superação é a meta das comunidades regional e universitária. Entendemos ser um direito o acesso público à educação de qualidade. Assim, defendemos a criação, no Vale do Itajaí, em Blumenau, da terceira universidade federal em Santa Catarina, a partir da FURB. Para tanto, o poder Executivo Federal, que detém o monopólio da iniciativa legislativa quanto à criação de universidades federais, precisa enviar ao Congresso Nacional um projeto de lei para atender à reivindicação de nossa comunidade.

Até o momento, como resposta às reivindicações do Movimento, o governo federal acenou com a criação em Blumenau do quinto campus da UFSC. Embora esta iniciativa seja bem-vinda, não é suficiente para atender às necessidades da comunidade do Vale do Itajaí.

A luta do MOVIMENTO PELA FURB FEDERAL não está dissociada da luta pelos 10% do PIB JÁ. Também queremos ampliar a qualidade e a oferta das vagas nas IES Públicas. Nossa proposta é generosa, com grande economia para o governo federal, em seu processo de ampliação das vagas públicas, uma vez que receberá, no período transitório de implantação da Nova Federal, a qualificada estrutura física e humana de nossa Universidade.

Não queremos apenas um campus da UFSC. Não queremos somente vagas federais na FURB. LUTAMOS PELA CRIAÇÃO DA TERCEIRA UNIVERSIDADE FEDERAL EM SANTA CATARINA, EM BLUMENAU, CUJO CAMINHO NECESSARIAMENTE PASSA PELA FURB. Dirigimo-nos à comunidade da Universidade Federal de Santa Catarina para informá-la de nossa luta e também para pedir-lhe o apoio, cientes de que a participação direta da UFSC será decisiva para as pretensões da comunidade do Vale do Itajaí, de termos mais uma universidade federal no Estado. FAÇAMOS DESTA LUTA A NOSSA LUTA!

Comitê Pró-Federalização da FURB
Florianópolis (SC), 11 de outubro de 2012.

O poema está pronto, o mundo não

Reflexões acerca de poesia e do poeta Martinho Bruning, cuja obra começa a ser publicada na década de 1980 em Blumenau

POR MARCELO LABES, *funcionário público e escritor*

< labesmar@hotmail.com >

O mundo está todo na tela do computador. Viaja-se, vêem-se fotografias e vídeos de lugares diversos e situações adversas; quase se sente, sentado em casa, o que se sentiria diante de uma experiência real. Se a Literatura carrega consigo a mesma capacidade de fuga da realidade de dispõem a Internet e seus milagres tecnológicos, ela ainda apresenta uma diferença substancial: para além das redes sociais — das quais somos antes prisioneiros, para depois nos mostrarmos sujeitos ativos — a Literatura ainda mostra-se capaz de colocar o homem diante de si mesmo e, humilde e humanamente, fazê-lo refletir.

É o que propõe a poesia de Martinho Bruning. Nascido em Tubarão-SC em 1921, foi em Blumenau, ainda que somente na década de 1980, que o então sexagenário poeta inicia a publicação de sua obra. Bruning faleceu em 1998 e deixou atrás de si, no que nos diz respeito, um caminho a ser conhecido, pesquisado e — pensado, sentido.

Porque Bruning é, por si só, uma surpresa: foge ao estereótipo do poeta adolescente, que publica tão logo encontra um meio. E ainda surpreende de uma maneira que, do auge de nossa modernidade, nos fere: vem da poesia de Bruning, de maneira quase provocativa, o convite para um contato reflexivo com a Natureza. Esse contato em si com o mundo natural mostra-se quase sempre na forma poética pela qual Bruning é mais conhecido e respeitado: o haikai (ou haiku, ou haicai, em português).

Herdeiro da milenar tradição literária japonesa, o haikai desenvolve-se no formato hoje conhecido a partir do século XVII. São três versos: o primeiro com sete sílabas poéticas, o segundo com cinco e o terceiro novamente com sete. Além da métrica, o haikai surpreende pela concisão filosófica, éterea: fala pouco mas sempre se diz muito mais do que as dezesseis sílabas contidas no curto poema. Um exemplo:

**POR CIMA DO MURO,
O ESPANTO DO GIRASSOL
DIANTE DO MUNDO.**

Para o ocidental de vinte e poucos anos, acadêmico, consumidor de tecnologia e sabedor do que se passa no mundo, a poesia de Bruning poderá soar ingênua. Afinal,



apesar de poderem conter questionamentos de ordem existencial, seus poemas muitas vezes remetem a uma cena presenciada no jardim de casa. Mas vem, a seguir, uma advertência em forma de pergunta: o quanto a modernidade nos permite entrar em contato com o simples? Porque o simples, para esse ocidental acadêmico, tecnológico e “antelado”, soa não apenas como uma banalidade, mas também como um perigo. É como se, ao admirar — e refletir — o simples, o mundo lógico construído à sombra do capitalismo perdesse completamente seu sentido.

Lauro Junkes, escritor catariense, em excelente artigo datado de 1986, enaltece Bruning como poeta-filósofo que soube respirar sua obra sob as luzes da filosofia grega (de Heráclito e Platão, principalmente) e de fontes místico-religiosas, sobretudo o pensamento Zen-Budista. Talvez seja essa a característica mais marcante da poesia de Bruning: a capa-

cidade de contemplar e deixar-se refletir pelo cotidiano com a atenção de um observador que respeita a cena e/ou o objeto observado.

Ainda no artigo de Lauro Junkes, este ressalta como os poemas de Bruning tem em si antagonismos com os quais o homem moderno deveria se ocupar. Porque tem em si, o homem da contemporaneidade, acesso às facilidades tecnológicas de nossos tempos — ao mesmo tempo em que se torna refém do tempo despendido para pagar por estas facilidades. Ou seja: o benefício da modernidade não permite ao sujeito vivenciar o banal do cotidiano (sempre tão necessário, sempre tão confortável) porque precisa sempre — sempre! — correr atrás da máquina. Por que não deixar, por alguns instantes, a máquina de lado?

Martinho Bruning publicou dezenove livros, a partir de 1980, tendo sua obra inaugurada por O Mesmo Canto Natural e Outros

Poemas. A partir daí, consolidou-se como uma voz necessária para as gerações existentes e as vindouras. Ao falecer, em 1998, depois de quase três décadas de apaixonante voz literária, o poeta deixou atrás de si um caminho importante a ser percorrido.

Se por ser já um senhor de idade, se por serem aqueles (estes!) tempos duros, Bruning não foi ainda lido com a atenção necessária à sua obra. Um erro, certamente. Ainda mais se lembrarmos da recorrente máxima atual, que diz estar o homem contemporâneo recorrendo a textos breves pela dificuldade em dar continuidade a uma leitura ampla e atenciosa.

Nesse caso, os haikais e os poemas breves de Bruning soam como bálsamo. São em sua grande maioria curtos, menores do que um tweet. Mas pintados com as melhores tintas, reforçados com os melhores efeitos, e o mais importante: falam de um mundo que está aqui, mas que é necessário fazer algum esforço para enxergar.

**O Pensador,
mais famosa
obra em bronze
do escultor
francês Rodin**
Foto: Joaquim Nery

Gastos da FURB com aluguel se aproximam a R\$ 500 mil por ano

A FURB soma uma despesa anual de quase R\$ 500 mil com alugueis. Ao todo, são R\$ 468.760,008 com o aluguel de imóveis. O aluguel do galpão da Arquitetura é o de maior valor. São R\$ 17 mil por mês. Além dele, a FURB ainda paga os alugueis do Edifício Cristina, situado à Rua São Paulo, 1525 (R\$ 8.263,34/mês); do terreno na Rua Alfredo Hering, 165 (R\$ 800/mês) e do bloco M (R\$ 13mil/mês). As informações estão contidas nos registros contábeis da instituição, disponível para consulta.

O valor torna-se ainda mais significativo se comparado ao orçamento que a universidade destina para outras áreas, como o caso do orçamento da Biblioteca previsto para a aquisição de novas obras bibliográficas que é de R\$ 360 mil.

Universidade publicará salários na rede

A FURB vai publicar todos os salários de servidores em breve na rede. A informação foi anunciada pelo pró-reitor de Administração Udo Schroeder e publicada no blog corporativo Furb na Mídia, do jornalista Michel Imme Sabbagh.

Segundo a nota, a medida atende à demanda da Reitoria em se adequar logo à Lei de Acesso à Informação, em vigor desde maio.

A página da "Transparência FURB" já divulga gratificações e comissões.

Férias Coletivas

Houve indignação por muitos servidores em relação ao início do período de férias coletivas que terá início dia 21 dezembro (sexta-feira). Para alguns servidores que gozarão férias duas semanas o período implica três finais de semana e os feriados de natal. A reivindicação feita é para o cômputo a partir do dia 26 de dezembro. Apesar da legislação não estabelecer nada em contrário, diversas categorias a exemplo dos comerciários tem isso negociado em sua convenção coletiva. O SINSEPEs procurará a reitoria para negociar a questão.

FURB aparece em 66º lugar em ranking nacional

O primeiro Ranking Universitário Folha (RUF), publicado pela Folha de São Paulo em setembro, colocou a Universidade Regional de Blumenau (FURB) em 66º lugar no ranking nacional – em Santa Catarina, atrás da UFSC (9º) e da Udesc (63º).

A listagem inédita das universidades brasileiras, de acordo com a sua qualidade, indica a Universidade de São Paulo (USP) e as federais de Minas Gerais (UFMG) e do Rio de Janeiro (UFRJ) como as três melhores instituições de ensino superior do Brasil.

Mas a primeira instituição de ensino superior do interior do nosso Estado sofre a cada ano com o esvaziamento de alunos.

Comitê Pró-Federalização presente no Grito dos Excluídos

Alunos, professores e apoiadores membros do movimento FURB Federal participaram do Grito dos Excluídos, que abriu o desfile de 7 de setembro em Blumenau. Munidos de faixas e cartazes, chamaram a atenção da comunidade para a importância do tema.

O Grito dos Excluídos ocorre em Blumenau desde 1996. O movimento tem como objetivo unificar todos os gritos presos em milhões de gargantas, desintalar acomodados e ferir os ouvidos dos responsáveis pela exclusão, além de conchamar todos à organização e luta para a transformação.

Professores aproveitaram a data para distribuir à população a última edição do Expressão Universitário.

Foto: Magali Moser



Anneli

POR VIEGAS FERNANDES DA COSTA, *escritor*

<viegas@furb.br>

Anneli estava no sótão quando escutara os gritos, e descera correndo os degraus de madeira. Não podia contar com o irmão mais velho, sempre ausente, e por isso cabia a ela o socorro. Estava no sótão plantando sua infância, insistentemente arrancada, entre bonecas e panos, quando soubera que não acabaram seus medos. A mãe se mataria!

Suas pernas de sete anos a levaram ao gramado dos fundos, onde se batia e gritava a mãe. O vestido de casa, já sujo de terra, subia até as coxas e Anneli sentiu vergonha ao olhar a branca nudez da carne materna, assim, exposta aos vizinhos.

Porque acorreram os vizinhos, que ainda não eram muitos por aqueles tempos, e do alto das cercas sentenciavam loucura e pressagiavam tragédia. Viu o casal de gêmeos, tão pequenos, aterrorizados, encolhidos a um canto, abraçados e chorando. Como fazê-los esquecer, um dia, esta cena já tão repetida? E ela, esqueceria?

Correu para buscar os travesseiros e colocá-los sob a cabeça da mãe. Puxava os cabelos com tanta raiva e batia com tanta força a cabeça ao chão, que não tardaria em quebrá-la. “Bate aqui, mãe” – pedia com sua fala mansa e sua ingenuidade de infância, referindo-se ao travesseiro de penas de galinha que fora buscar ao quarto e que seria o motivo, mais tarde, para a surra que levaria. “Onde já se viu, jogar o travesseiro na grama suja!” – repreenderia a mãe depois de lhe marcar as pernas a varadas. Anneli sabia, seria motivo de chacota ao chegar à escola com as pernas marcadas. Também não havia novidade nisto, tampouco seria a única. Como apanhavam as pernas das meninas de então! Antevia a surra, as marcas e as chacotas, mas urgia salvar a mãe, evitar que partisse a cabeça, que morresse. Sentia-lhe amor, apesar de tudo; e depois, era a mais velha, tinha suas responsabilidades.

Os gêmeos continuavam chorando e Anneli ansiava para que aquela cena logo terminasse. A mãe cada vez mais exaltada, batendo-se e espumando, o rosto vermelho, olhos injetados. Anneli rezava baixinho, prometia ao seu Deus idas à igreja, obediência e privação de doces ou qualquer coisa mais que fosse necessária, mas que a mãe ficasse bem, que não morresse, que se acalmasse, enfim. Mas a mãe não se acalmava, e já por toda a rua se podiam ouvir seus gritos, seu choro e o desespero dos gêmeos. Os vizinhos acorriam movidos por esta mórbida curiosidade que parece atávica, a mesma que nos empurra os olhos às páginas policiais, às imagens de carnificinas, onde, excitados, buscamos os menores detalhes sobre as tragédias humanas:

o filho que esfaqueia a mãe, o pai que estupra a filha. Acorriam, mas nada faziam além de olhar e sussurrar venenosas sentenças ao ouvido mais próximo. “Frau H”, no entanto, pulou a cerca e foi ajudar. “Frau H”, há de se falar dela, também. A vizinha mais antiga. Franzina, curva e sempre solícita. “Frau H” ajudou com sua experiência de mãe e senhora. Pulou a cerca, dizíamos, ocorreu em socorro. Abraçou com força o corpo pesado de Eleonora, segurou-lhe os braços e recostou-lhe a cabeça ao peito. E as palavras que “Frau H” lhe sussurrou aos ouvidos, ninguém as pôde ouvir; supomo-nas sábias e corretas, porém, porque trouxeram o choro e os soluços, primeiro, e a calma do sono, logo depois.

“Deixem-na descansar. A mãe fica boa, mas agora precisa dormir. Não façam barulho” – aconselhou a vizinha com sua voz terna e frágil, as palavras expressando segurança.

Anneli agradeceu com seu sorriso envergonhado e os olhos umedecidos. Levou os gêmeos ao sótão. Estavam mais calmos, e explicou-lhes que a mãe estava doente, que se fizessem barulho ela poderia piorar e se ficassem em silêncio ela ficaria boa. Ficaram em silêncio, abraçaram-se e fecharam os olhos. Prometeram sono, também. Iriam dormir até o pai voltar da obra onde trabalhava. O pai sempre voltava pedalando sua pesada bicicleta, importada da Alemanha, e esta certeza servia como consolo. Que bom era ver o pai surgir no portão, a roupa suja de cimento, o assobio nos lábios. O pai nunca aprendera

a assobiar direito. O som saía grave e abafado, quase como um sopro. Mas que lindo som aos ouvidos daquelas crianças, que reconheciam nele o calor da ternura e a certeza do amor. Dormiram com o alento de encontrar aquele assobio e saberem-no real, o pai abrindo o portão e fazendo fuzarca, anunciando vida. “Deus é bom, apesar de tudo”, pensou Anneli, enquanto descia a escada para se encontrar com a face dura e exausta da mãe. Iria vigiar seu sono, também ela com a esperança de logo ouvir o assobio do pai e sentir-lhe o cheiro do suor no corpo e o carinho das suas mãos de pedreiro, brutas e calejadas. E o pai ouviria com atenção a sua explicação do acontecido, da crise da mãe. Depois passaria a mão em sua cabeça e lhe diria que agora tudo estava bem, que não aconteceria de novo e pediria a Anneli que colocasse sobre a mesa a comida, pois estava com fome, e que depois da janta todos fossem dormir. Não seria difícil para ela preparar o jantar, apesar da pouca idade. Jantavam comida fria, pão com mousse, algum queijinho, a nata e o chá mate.

Precisaria apenas esquentar o chá. Café só se bebia pela manhã, para acordar. Mas ainda era cedo para o pai chegar, e por isso Anneli foi ao quarto da mãe e sentou a um canto, no chão, porque a ninguém era permitido sentar sobre a cama com as roupas de casa.

Então ficou lá, sentada, em silêncio, os braços abraçando as pernas, sozinha, os olhos sobre a mãe, que agora já não parecia mais a mesma de ainda há pouco, que

berrava e se batia sobre a grama do quintal, querendo se matar. A respiração era calma, e o vermelho da cólera dava lugar à palidez do sono. Era a mãe, enfim, como sempre a desejava, sem as ameaças de suicídio, sem as crises de cólera, sem as surras de vara.

Porque apanhavam de vara, comprida e fina, guardada atrás da porta. Lembro-me daquela vara atrás da porta, que parecia nunca envelhecer e que vergastou duas gerações de crianças acostumadas a enfrentá-la, inclusive a mim. Anneli ficou lá sentada, o corpo magro e desengonçado tremendo o nervoso que passara e ansiando ouvir o assobio do pai. Iria contar até aonde sabia, do zero ao cem, números que recém aprendera na escola, crescente e decrescentemente, a fim de passar o tempo; e se cansasse, criaria animais de sombra com as mãos, como lhe ensinara o pai: o passarinho, o cachorro, o coelho, a borboleta, a girafa e tantos outros que o tempo e a imaginação lhe permitiriam criar. Sim, e nestes planos de que fazer, esgotou-se um bom tempo; tanto que quase dormiu sem esperar nada. Porque para Anneli, dormir era esta coisa curiosa que a afastava do mundo. Um morrer para acordar e, quem sabe, encontrar as coisas diferentes. Contudo não dormiu. E quando o pai chegou, com sua bicicleta, sua roupa suja de cimento, seu assobio e com o carinho das suas mãos calejadas e brutas, Anneli conseguiu apenas olhá-lo com seus olhos carentes e assustados, mais nada.

Foto: stock.xchng



"Fui condenada junto com meus filhos"

Foto: Vadim Ghirda



POR MARGARETH DA CONCEIÇÃO, mãe de dois presidiários e integrante do Fórum de Combate à Tortura

< margarethc57@gmail.com >

Sou mãe de dois apenados. Fui condenada junto com meus filhos, mesmo estando em liberdade. Um deles é viciado em crack e o outro em cocaína. Eles praticaram delitos, foram presos e condenados à pena de reclusão no regime fechado. O juiz não faz nenhuma referência na sentença à "privação da liberdade com tortura". Porque na verdade, tortura é crime. E quem a pratica é, portanto, criminoso, não tendo nenhuma diferença entre os que estão atrás das grades. Mas sabemos que esta realidade é comum dentro das celas.

Isso não é coisa da direção do Presídio Regional de Blumenau. O comando troca a toda a hora e continua a mesma coisa. A situação também não ocorre apenas em Blumenau, mas em todo o país, o que nos leva a crer que a falha é do sistema. Ainda não apareceu um político de coragem, que queira realmente mudar a situação do sistema carcerário e realmente educar as pessoas que estão encarceradas. No período pré eleitoral, o assunto foi ignorado. Tanto se discute sobre segurança pública. Mas parece que não se sabe que quando acabarem de cumprir o que devem à Justiça, os presos sairão do confinamento para conviver conosco, em sociedade. Mas, no atual sistema prisional, eles sairão piores, muito piores. Quem paga o preço somos nós mesmos.

Desde março de 2011, quando foi oficializado, integro o Fórum de Combate à Tortura com a intenção de denunciar e impedir os casos de tortura em unidades carcerárias. Antes mesmo da criação da entidade, já nos encontrávamos há alguns anos. Nós, familiares desesperados, não sabíamos

onde procurar ajuda, pois todos viravam as costas e nos ignoravam. Os familiares dos presos se revoltam porque são maltratados pelo Estado e também pela mídia.

As famílias são humilhadas desde o momento em que chegam na portaria para entregarem suas carteirinhas para a visita. Não podem nem sequer abrir a boca para

Sou mãe de dois apenados. Fui condenada junto com meus filhos, mesmo estando em liberdade (...) Ainda não apareceu um político de coragem que queira realmente mudar a situação do sistema carcerário

cumprimentar a pessoa que está atendendo. Isso fere a integridade de quem trabalha ali. Meu depoimento é como familiar de preso. Não queremos sorrisos. Apenas respeito, assim como nós os respeitamos. Somos trabalhadores e pagamos nossos impostos. Jamais defenderei que os presos não devam pagar pelo que fizeram. Eles têm sim de cumprir o que devem à Justiça. Mas não posso aceitar que sejam maltratados. Não posso admitir que o Estado seja conivente com práticas de tortura dentro de presídios e nem posso permitir a violência para com eles.

As pessoas julgam. Mas ninguém é melhor que ninguém. Todos somos seres humanos, sujeitos a erros. Ninguém é 100% santo ou 100% diabo. Todos nós

erramos de uma maneira ou de outra. Muitas vezes ouvimos o comentário de que os presos são "o lixo" ou "o câncer" incurável da sociedade. O câncer, no entanto, pode ser tratado, assim como os apenados reeducados.

Depois que meus filhos foram presos, muitos se afastaram de mim, até mesmo da minha família, por vergonha. E isso acontece na maioria das famílias de presos. Eu me considero uma pessoa de bom caráter, de boa índole, tenho meus princípios religiosos, creio em Deus, pois Ele me conduz nesta caminhada, trabalho há 22 anos como funcionária pública, cumprio com meus deveres políticos e religiosos. E mesmo assim, fui condenada porque meus filhos erraram.

Há algumas semanas houve disparos de bala de borracha calibre 12 por parte de agentes penitenciários em uma intervenção dentro do Presídio de Blumenau. Não é a primeira vez que isso acontece. Recebemos uma denúncia e procuramos a Justiça para nos ajudar. Mas nos chamaram de mentirosos, ofendendo esposas de presos, dizendo que mulher de preso gosta de inventar história, ferindo os direitos humanos. Uma semana depois disso apareceu um dos presos morto. A causa da morte foi tétano. A dúvida que ficou é se houve erro médico ou negligência por parte dos agentes penitenciários?

Mas o preconceito tomou conta mais uma vez. Tivemos que recorrer ao Juiz Corregedor do Estado de Santa Catarina, Alexandre Takaschima, e sua assistente social, Adriana Moresco, que nos ouviram e tomaram providências. Fizeram uma visita no Presídio Regional de Blumenau para apu-

rar o fato. Hoje são 900 presos no Presídio de Blumenau. A capacidade não passa de 400. A problemática não está apenas na questão da superlotação, mas da estrutura física, do número reduzido de agentes no local. O presídio de Blumenau é considerado um dos mais críticos de todo o Estado.

O que eu quero é meus filhos de volta quando cumprirem o que devem à Justiça. Quero eles recuperados e em condições de continuar a viver! A droga os transformou em pessoas violentas. Mas não posso admitir que o Estado seja mais violento que eles já que foram presos para serem reeducados.

Hoje, meus filhos não se encontram mais no Presídio Regional de Blumenau, mas continuarei lutando junto com estas mães pois sei do quanto somos discriminadas. Juntas, vamos continuar lutando e gritando com todas as forças que nos restam para recuperar nossos filhos que estão presos. O ser humano pode errar, mas creio que pode mudar isso. Por este motivo, jamais desistirei dos meus filhos. Acredito na educação e no amor. E aos que dizem que eles são o lixo da sociedade, digo a vocês: de um "lixo da sociedade" pode se fazer um grande homem e de um grande homem pode se fazer um "lixo da sociedade". Esta é a vida que nos dá ras-teiras e nos ensina a cada dia a ser uma pessoa melhor.

Texto editado por Magali Moser. A redação do Expressão Universitária entrou em contato com o Juiz Corregedor do Estado de Santa Catarina, Alexandre Takaschima, que confirmou as informações citadas.